

O Gênio Lírico de Luciano Maia em *Jaguaribe*: memória das águas

Noemi Elisa Aderaldo

Poderíamos, por certo, caracterizar parcialmente a obra lírica de Luciano Maia chamando-a de "Poética das Águas", por conferir a este elemento da Natureza fundamental importância, inclusive na associação e imagens e de fatores vários que o ligam ao ser humano como um todo, incluindo aqui diversos tipos de fenômenos psicológicos, como também aspectos referentes aos seus processos vitais.

Ademais, com suas metamorfoses, suas imagens, sua sonoridade, suas associações e suas características especiais enfim, é um conjunto fenomênico lírico por natureza.

Considere-se, por exemplo, uma obra ensaística como "*A Água e os Sonhos*" (*El Agua y los Sueños*) do renomado e consumado pensador e ensaísta Gaston Bachelard, que ostenta um cariz inclusive filosófico, e afirma, no primeiro capítulo daquela obra, que, "a linguagem das águas é uma realidade poética direta, os arroios e os rios sonorizam, com uma estranha fidelidade às paisagens mudas", que "as águas ruidosas ensinam os pássaros a cantar, e os homens a falar e repetir, havendo, enfim, continuidade entre a palavra da água e a palavra humana", tendo esta última, inclusive, "uma liquidez" e "uma água nas consoantes"; e completa tal aproximação afirmando que "a água tem um corpo, uma alma, uma voz" ... e "é uma realidade poética completa" (Fundo de Cultura Econômica, 2005, p. 27-28).

Páginas e mais páginas poderiam ser escritas sobre a obra de Luciano; vale, entretanto, muito mais que isso, ter e sentir seus versos, maravilhosa caminhada no Ser-tão de sua palavra poética, nimbada pela memória e pela alma do seu-nosso Rio, ora já mítico e transcendente.

Diversas vezes sua intencional despontuação enriquece o complexo poético, tornando-o mais sonoro e musical, oferecendo, às vezes, opções interpretativas.

Joga e brinca com a estrutura das palavras, enriquecendo-lhes ora a sonoridade, ora o sentido.

Exímio e inventivo onomatófilo, faz as palavras dançar, ora sozinhas ora com outras, ora em conjunto, dando-lhes uma segunda vida, sobretudo enquanto dentro do seu contexto.

Genialmente inventivo, enriquece a substância e a essência da Poesia.

No seu captar e sentir, no seu pensar, no seu ser mesmo enriquece e multiplica as instâncias, os caminhos e as ondulações da própria poesia. Numa palavra, enriquece a Poesia mesma, desvendando-lhe raízes e ramificações que para um simples leitor passariam despercebidas. E nesse rol se alinham gramaticalidades ancestrais, como a própria composição das palavras e até de sílabas, as maiusculinidades, pontuações, rimas e outras coisas mais.

Este insólito, semi-escondido e mais que inventivo poeta reconstrói, ao seu prolixo arbítrio, a linguagem, transformando-a, ao seu talante, num sábio jogo rico e original, perante o qual sinucas e xadrezes tornam-se apenas comuns objetos sensoriais.

Na sua poética, Luciano transcende a materialidade das próprias palavras com seus significados estabelecidos, emprestando-lhes corporalidades, movimentos, e mais, dando-lhes uma vida nova, e até mesmo, uma alma que pareciam não ter.

É o extremado-singular Poeta lançando mão de aparentemente distônicas estranhezas aos olhos classicistas, tal como o fizeram, na Música, impressionistas modernos e outros mais. Aliás, não é demais evocar aqui o que aconteceu na história da música, pois muitas das à primeira vista dissonâncias beletristas do nosso Poeta criam, na verdade, sonoridades novas e sentidos novos, que o texto enriquecem, assim como também ressonâncias, pausas, "crescendos" e outros recursos que dão asas e uma nova vida às palavras, sem quebrar a harmonia e o sentido do texto.

Além do mais, o que era vislumbrado como produto dum grave esforço mental ou duma persistente concentração espiritual, adquire, em Luciano, um timbre lúdico que faz sentido e se incorpora aos ver-

sos, e como um jogo que só se pode jogar num patamar superior, qual seja o da sensibilidade, o da alma.

Realiza assim Luciano, na sua poética esplendorosa, uma espécie de síntese das artes, constituída, até onde vimos, de poesia e de música, sendo esta última a que mais salientemente se incorpora àquela síntese.

A pintura repousa no sentido das palavras e das imagens pictorizantes, enquanto a escultura se evidencia na montagem das formas vérsicas, no desdobramento de palavras, de sílabas e de versos.

O poemário de Luciano, que adota, nesse livro, versos curtos, retém, assim, uma feitura de inumeráveis aspectos. Mas, paradoxalmente, e por menos que o pareça, mantém uma impressionante simplicidade: no versejamento, na rimação, na temática, no conjunto enfim.

Uma Arte que se faz jogando e um jogo feito com arte seriam como uma dupla técnica que Luciano equilibra. E o faz, parece, brincando, como um Menino.

Dir-se-ia que o Poeta simplifica o complexo e complexifica o simples. De qualquer forma é um singularíssimo Poeta. E ele até mesmo se confessa no "Poema em Regresso".

"Sou menino. A lua me comove..."

E parece, muitas vezes, estar todo num único poema.

Apesar de concisos, ou até mesmo por isso, muitos dos seus poemas surpreendem sempre; e sempre deixam, quando lidos, um certo sabor de jogo e de brincadeira...

Deixa Luciano a impressão de um extenso repositório de experiências, de sentimentos, de pensamentos e de intuições. Criatividade e singularidade sempre estão nele presentes.

O ser com que mais se identifica e considera a própria vida da Natureza é precisamente o Rio Jaguaribe, que banhava incessantemente a sua infância, de uma forma tão pródiga e tão familiar, como se fossem suas águas, ao mesmo tempo pai e mãe, irmão e irmã.

O que lhe banhava o coração e a alma lhe inundava, era mesmo não somente o toque, mas igualmente a magia daquelas águas, que ele cantou depois como o próprio sangue da terra, que circulava de alto a baixo, de um lado e do outro.

A magia das águas, eis o que circulava na vida de Luciano. E, como já aludimos, não se pode ler sua obra sem constatar, logo de início, o papel central desempenhado pela Água, que identifica como o próprio fluxo da vida, o que não só poeticamente, mas também cientificamente é, por certo, verdadeiro, conforme reza a axiomática afirmação de que “sem água não há vida”.

Com sua maestria, Luciano transforma essa verdade no seu oceano poético, que lhe provê então não só respiração, mas igualmente inspiração, que por fim nele se intercalam, se congeminam e se unificam, como tão claramente transparece em sua obra.

Eis o que nosso poeta, nisso já vivido e tresvivido intitula como *Jaguaribe*: memória das águas.

E não por acaso o seu poetizar evoca frequentemente a espontaneidade e a liberdade da Criança, este ser único para o qual tudo o que existe é brinquedo!

Claro que com sua acurada sensibilidade, não deixa de cantar também todos os demais elementos da Natureza direta ou indiretamente à água ligados, em especial o vento e o sol, mas também as areias, as encostas, o mar, o céu, as chuvas, os barcos etc. Chega inclusive a falar na subterraneidade, na morte, e até na ressurreição do rio:

“Porque do rio a nascente,
que é seu motivo de vida,
num tempo estanca a corrente,
noutro tempo renascida”.

E o rio em tudo está presente, como nestas paisagens do "Canto da Vida e da Morte":

Existe amor no meu canto,
paixão da Terra que anima
os versos do riso e pranto,
no abaixo, rio acima..."

"Nascido aqui, sou poeta,
amante das longas águas.
Perco o remanso da noite,
buscando o manso das margens
que o dia consola, sem
conciliar minhas mágoas".

O Rio está presente até em adjectivações suas, como quando se vê

buscando inexauríveis mananciais
na arquitetura hídrica do sonho".

E, como os seres vivos, também ele nasce, vive e morre.

E o Poeta lhe confere ainda os senões do tempo, chegando a dizer:

"E permanece intemporal o rio
lançando ao tempo o eterno desafio".

Mais adiante:

"E permanece o rio intemporal
em sua arquitetura de cristal".

Depois, de um “rio-menino – II”:

“de um rio antigo (pálido viajante),
reinventor de mágicas estórias
que são a história do meu mundo infante
Um rio – antigo que não vai embora” ...

Pouco antes destes últimos versos, dissera no “rio-menino – I:

“Já morri, Jaguaribe, as tuas águas,
para em futuros tempos renascê-las” ...

E, pouco depois, no mesmo poema, refere as “fontes” do “rio – antigo”.

“despertando o menino que em mim vive”.

O Rio Jaguaribe, atua como projeção da Vida, e as “águas antigas” representam, no seu contexto, o inconsciente, que exsurge.

Em sua travessia atinge o rio de Luciano o ápice da sua estatura, reunindo em si quase todas as coisas, num patamar superior supramaterial.

“Metafísica estranha, dessa água,
além do tempo nunca conformada”;

E finaliza:

“em transcendente estado represada”.

E assim, confessionalmente Luciano imortaliza, transcendentaliza e diviniza o seu (e que também faz nosso) amado rio, cuja substância não está só sobre a terra, mas está também no mar, está no céu:

"As andarilhas nuvens tropicais
que recebem do solo vaporoso
as águas em conúbios vesperais".

Mas se água é vida, sua falta é morte, vezes várias também lembrada; e evoca um "boi defunto",

Que de sede e de fome virou osso,
junto ao rio sem água que anda junto
da morte antiga de um inverno moço".

Estes, e outros episódios fazem parte das "memórias" do rio de que fala, e poderiam ser precedidas por esses dois simples versos duma rica estrofe:

"Num tempo que longe vai,
corri léguas de caminho..."

Por meio dessa sua dorida nostalgia chego a, insolitamente, divagar: quem sabe não se encarnou, ao menos a alma do Rio, na alma do seu Poeta?

Vai num "crescendo" a obra.

Ainda num dos poemas contrasta Luciano o mundo pulsante e puro do Jaguaribe sertanejo com o nosso mundo citadino e tumular, quando versifica:

"Na matança tremenda das cidades,
se foram os homens sós, se esfazendo
em seres sem segredo e sem vontades".

Este antepenúltimo poema traz, como uma espécie de subtítulo, a inventiva expressão "Cantantigo do Jaguaríndio".

Consideramo-lo uma verdadeira obra prima, final espetacularizantemente trágico e verdadeiro duma obra viventemente singular e bela.

Toda a obra de Luciano Maia é, definitivamente, um valiosos testemunho da Sertaneidade nordestina.